

Alda Espírito Santo

Ana T. Rocha

Nascida a 30 de abril de 1926, em São Tomé, Alda Espírito Santo cresceu e fez os seus primeiros estudos na ilha, tendo viajado posteriormente para Lisboa (1947), onde concluiu o curso de Magistério Primário. A passagem por Portugal foi muito importante no percurso da poeta, pois aí contactou e conviveu com jovens africanos que partilhavam os mesmos desejos independentistas. Engajada não apenas na poesia, Alda Espírito Santo integrou vários grupos e movimentos, como o Movimento Anti-Colonialista (1957), a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas (1960), era sócia da Casa dos Estudantes do Império, participou no Centro de Estudos Africanos, foi uma das responsáveis pelo Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (1962) e em 1965 fundou na sua terra natal um grupo que pretendia consciencializar o povo para a independência do arquipélago. Nesse ano de 1965 foi presa pela PIDE em Lisboa e levada para o estabelecimento prisional de Caxias, sendo libertada em fevereiro do ano seguinte.

Após a conquista da independência, Alda Espírito Santo cooperou na reconstrução do país exercendo funções como ministra da educação, ministra da informação e ministra da informação e cultura popular, dirigiu a União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe e foi presidente do Fórum das Mulheres de São Tomé e Príncipe. Faleceu em 2010, em Luanda.

Extremamente engajada na luta do seu povo, Alda Espírito Santo produziu uma poesia onde o “eu” dá, muitas vezes, lugar a um “nós”, que não é sempre um “nós-mulheres”, mas um “nós-povo”, pois, como lembra Inocência Mata: “É que nesse tempo de *endurance* anticolonial era preciso calar o contencioso que advinha da falta de equidade no exercício da partilha do poder simbólico entre os colonizados (daí a ideia de dupla colonização da mulher) e fazer a apologia de homogeneidade (confundida com unidade) de aspirações, preocupações e projectos” (MATA, 2015: 24).

O conceito mencionado aqui por Inocência Mata de “dupla colonização”, encontramos-lo no “Poema Mensagem”, de Alda Espírito Santo. Este é um texto que afirma a necessidade e união entre homens e mulheres na mesma luta; porém, a urgência do contexto não impossibilitou a poeta de denunciar a segunda colonização, ainda que aliando-a à primeira: “a mulher do mundo, a mulher africana, minha irmã, parte integrante

dum todo que é o ser social, uma longa marcha, mais longa ainda pelas instituições que remontam às narrações bíblicas, tem de brandir a espada pela emancipação dos povos, e, portanto, pela sua afirmação na luta pelo progresso, pelo grande passo que romperá as barreiras de toda as discriminações. A mulher africana duplamente colonizada, escrava doméstica, serva da colonização, tem uma missão secular a desempenhar na etapa de libertação” (SANTO, 2010: 27). Para Espírito Santo, a luta e a integração da mulher nesta era já um início para a construção da liberdade plena. Assim, não se sente que a luta feminista ficou adiada, mas que **a luta pela independência era já uma luta feminista.**

MATA, Inocência, “A literatura angolana entre utopias e distopias: um percurso”, *in* REIS, Margarida Gil dos (dir.), *Textos & Pretextos*, nº 19, Luanda: Centro de Estudos Comparatistas/ União dos Escritores Angolanos/ Húmus, 2015.

SANTO, Alda Espírito, *É nosso o solo sagrado da terra*, São Tomé: UNEAS, 2010.